

RECADO DE PARIS

"Coca-cola da da alma"

PARIS, junho (Via Pa-
nair) — So agora Paris vê" ...
E o vento levou" — mas os
jornais se queixam de que a
localidade mais barata para
o enorme filme custa quinhentos
francos. Claude Mariac
irrita-se com isso e ainda
mais com o aviso de que o
filme não será passado a pre-
ços mais baixos "antes de um
ano, pelo menos", o que re-
almente é forte para um fil-
me que já deu dinheiro du-
rante onze anos. O crítico
fala "nessa Coca-Cola da al-
ma, o cinema" — falando do
norteamericano, naturalmente.

A Comédie-Française volta
a levar "L'Otage" de Paul
Claudel, sobre quem um de-
sabusado polemista, Henri
Jeanson, declara que "Clau-
del é a prova da inexistência
de Deus".

Maurice Garçon, acadêmi-
co e advogado ("do Diabo",
costuma-se dizer) ganhou,
depois do processo Silva Ra-
mos, o complicadíssimo pro-
cesso Hardy — e uma noi-
te destas apareceu no movi-
mento "Café de Flore", cheio
de "zazous", com sua senho-
ra, sua filha e um amigo,
vestindo seu fardão acadêmi-
co cheio de condecorações. E
o garçon nos contou, espanta-
do, que aquela moça bonita
e elegante dedicou-se inte-
iramente à... arqueologia.

O mesmo gosto tem o se-
gundo marido de Agatha
Christie, Mallowan, um dos
maiores especialistas em anti-
quidades do Oriente Próximo.
É a romancista "policial" co-
menta: "Desta vez acho que
escolhi bem, casando com um
arqueologo; quanto mais ve-
lha eu fico, mais êle me apre-
cia..."

Mas lá em cima falei de
Jeanson. Ele apresenta ago-
ra um filme, "Lady Paname",
e um jornal conta que ficou
irritadíssimo quando o minist-
ro Teigten resolveu proibir
as palavras "crime" e "assas-
sinio" nos titulos de filmes.
Disse estar disposto a filmar
"Le Crime de Sylvestre Bon-
nard", de Anatole e "Meur-
tre dans la cathédrale", de
Elliot; e para respeitar a cen-
sura escreverá apenas em to-
dos os cartazes: "Le C... de
Sylvestre Bonnard" e "M...
dans la cathédrale".

Rubem BRAGA